# Música

## Ponte das estrelas: Tecladista Justino

Com dezoito anos de formação musical, o excelente instrumentista Justino Barbosa, 33 anos, filho do poeta Honorino Saraiva Barbosa e Ditinha Barbosa - pulsa no ritmo e na frequência de seu tempo. Em torno de seu repertório, gravitam bossa nova, seresta, samba e o clássico. Entre a unanimidade da crítica e do público em relação ao seu trabalho, uma grande temporada de shows, voz e teclados que começou ontem na Churrascaria Tchê, de Ricardo e, Cervejaria Brasil, do grupo Matrinham. Em sua casa, muita música, misturada com o abastecimento de idéias, traçadas por sua mulher e empresária Teresinha Nunes.

COMEÇO MUSICAL

O artista Justino Barbosa - que tem o privilégio de ser o único tecladista piauiense com todo o repertório de músicas da década de 70, começou sua carreira ao lado de seu parceiro e irmão Francisco de Assis Barbosa (Chico), no Som Pop. Após o desaparecimento prematuro do parceiro e irmão, Justino enveredou -. nos principais conjuntos de Teresina: Metralha, Brasilha, Disparo 2000, Os Cartolas, Grupo Caçamba e muitos outros. Depois aconteceu inúmeros convites para que o instrumentista acompanhasse alguns intérpretes. Justino Barbosa acompanhou com muito sucesso a talentosa cantora Mira. "Mas, achei que o momento era de saltar para um vôo mais longo. Hoje, estou cantando e acompanhando a mim mesmo", revelou Justino Barbosa.

TEMPORADA DE SHOWS

O instrumentista, cansado de ser "mais um músico acompanhante de grandes nomes da música piauiense", partiu a caminho de uma outra trilha: acompanhar a si mesmo. O resultado não poderia ser melhor. Assessorado por sua empresária Teresinha Nunes, o grande talento dos teclados já mostra sua marca registrada: o Midas do som.

## 14 Bis ao vivo

No final da década de 70 o mercado para grupos musicais (de rock?) praticamente não existia no Brasil - pelo menos para as gravadoras e a grande mídia. Os grupos pioneiros (Terço, Mutantes, Vimana etc.) se eram bastante conhecidos de um público numeroso que lotava seus shows, estavam encerrando carreira por falta de estrutura, divulgação, etc.

O 14 Bis surgiu nesta época, trazendo um pouco desta herança rock, somando-a às influências mineiras e música erudita. Harmonias e arranjos mais trabalhados, emoldurando melodias facilmente cantáveis.

Após alguns shows, com um repertório próprio e original o grupo grava seu 1º disco, em 1979, na EMI-ODEON, com o apoio e produção de Milton Nascimento.

Os shows se sucederam (às vezes até 100 por ano), nos mais diversos lugares do Brasil, apoiando os LP's que apareciam a cada ano.

Agora, depois de 8 anos de estrada, o 14 Bis consegue realizar um antigo sonho de gravar um LP ao vivo, fazendo uma retrospectiva de sua carreira, contando com meios técnicos mais modernos para reviver antigos sucessos, registrando ainda a participação constante do público nos shows do grupo. Além disso, marca a saída de Flávio Venturini, grande amigo e grande músico, que parte mais seriamente para sua carreira solo, enquanto o grupo continua seu próprio trabalho.

O show foi gravado nos dias 26/27/28 de dezembro/87, no Palácio das Artes (Belo Horizonte), um teatro que oferece as melhores condições técnico-acústicas, com produção de Mairton Bahia, que desde o 1º LP, participa do trabalho do grupo.

Foram gravados quase 90 minutos de show, material suficiente para 2 LP's. Não sendo possível incluir todas as músicas num único LP, foi escolhido um repertório que dá uma idéia bastante ampla do trabalho do 14 Bis.

Há músicas que ganharam arranjo completamente novo na gravação de agora, (principalmente levando-se em conta a falta de recursos técnicos na época da gravação original, e o próprio crescimento musical do grupo).

É o caso de "Perdido em Abbey Road" (1979), "Carrossel" e "Uma Velha Canção Rock'n roll", que sempre são solicitadas durante os shows - talvez por serem muito características do estilo do 14 Bis.

Incluídos também, sucesso que adquirem força quando tocados ao vivo, com a participação do público: "Planeta Sonho", "Todo Azul do Mar", "Natural", "Mesmo de Brincadeira", "Nova Manhã", "Espanhola" e "Linda Juventude". É um pout-purri com músicas de Milton Nascimento: "Canção da América", "Pablo" e "Nos Bailes da Vida", junto com "Caçador de Mim" (Sérgio Magrão-Sá), que se popularizou na voz de Milton.

O disco é o resultado exato do que foi gravado ao vivo, em 16 canais, apenas re-mixado para melhor qualidade técnica.

O LP "14 Bis Ao Vivo" é uma oportunidade de se viajar pelo tempo, ouvindo algumas canções que nos marcaram durante estes 8 anos, e possibilita uma retrospectiva de nossa própria música. E é fascinante e até um pouco surpreendente ouvir as músicas de um grupo quase solitário no final dos anos 70 serem cantadas e aplaudidas por pessoas de todas as idades, principalmente por aquelas que ainda eram crianças quando o 14 Bis começou a voar.

A emoção destes e outros momentos está nesse "14 Bis ao Vivo".

# Estante de Livros

**O LADO AVESSO**

É o título do livro de contos de Djanira Pio, lançado pela Edicon(Rua Itapeva, 85 São Paulo). São narrativas leves, muitas delas ligeiras crônicas, retratando a situação da mulher em ângulos e enfoques novos, isto é, pelo lado não visto comumente, e demonstrativas do talento de uma jovem que começa bem a sua carreira de contadora de histórias. Como estreante, precisa de alguns ajuste na linguagem, o que só o exercício continuado lhe dará por certo, mas sente-se já a presença da ficcionista e da escritora em formação. Falta também maior densidade em suas histórias, o que também o trabalho perseverante do texto lhe dará com o tempo. Apesar, disso, é uma boa estréia. Traz esperança. Pra frente, Djanira. Você tem já o principal, que é o talento, e uma certa vivência, qualidades especiais para que escreve.

**LANÇAMENTOS DA VOZES**

A Editora Vozes, de Petropolis, acaba lançar "Psicologia da Educação", de Isis Barbosa Goulart, livro que trata dos fundamentos teóricos e práticos de Pedagogia, destinado a professores e estudiosos desta ciência do ensino, e "Movimento Beat", de Dóris Lieth Nunes Peçanha, que focaliza o grande movimento de rebeldia de uma geração perdida, mas que muito nos ensinou de relação humana e de sonhos, com exemplos de coragem e libertação. Vida de uma geração que buscou, acima de tudo, alternativas e novas formas de vida.

**NOVELA DE INVASÃO**

Nilto Maciel, escritor cearense residente em Brasília, lançou pela Edicon a novela intitulada "Estaca Zero", com que mostra o drama de pobres diabos sem eira nem beira que vivem à procura de um pedaço de chão onde possam morar, obrigados a invadir terrenos alheios ou abandonados pelos donos (sem outra serventia). Trata-se de uma narrativa muito bem montada, em linguagem direta e de grande poder de comunicação, registrando o sofrer dessa gente humilde, os barraqueiros chamados, os sem terra. Aqui temos a formação de uma favela, com exploração do social e humano, numa narrativa e história de decadência. Personagens bem fixados, tipos comuns, verdadeiros. Coisa nova na novelística brasileira. Escritor voltado para os dramas de seu povo, revela-se Nilto Maciel com este livro.

**PRATELEIRA PIAUIENSE**

Evandro Cosme é mais um autor piauiense que vai para a nossa Estante de Livros, com um livro de poesias, que intitulou de "Sombras de Mim". Bonita edição. A poesia de Evandro é feita de coisas simples, do barro da saudade e força da ternura, de cantos e cantigas, ritmo cadenciado, e de humana mensagem, além de crítica do eu próprio, de vida, enfim. Um dos bons lançamentos deste semestre. A edição é do autor. Ricas ilustrações.

# Poesia

UMA SOMBRA NA MADRUGADA

**José Ribeiro e Silva**

Fria madrugada
minha sombra caminha
no asfalto riscado de luz
silêncio
nas ruelas
e algazarra
Frenética nas tabernas da vida.

A voz da boemia
acompanha o violão carpindo
dores
e paixões
Afogadas nos copos transbordantes

Um quadro
digno de Toulose Lautrec
pintado na noite fantasma
do marchant
que solitário
vagabundeia sob o sudário do luar.

TUDO EM NOME DO AMOR

**Rui Abreu - Da Marca Reg**

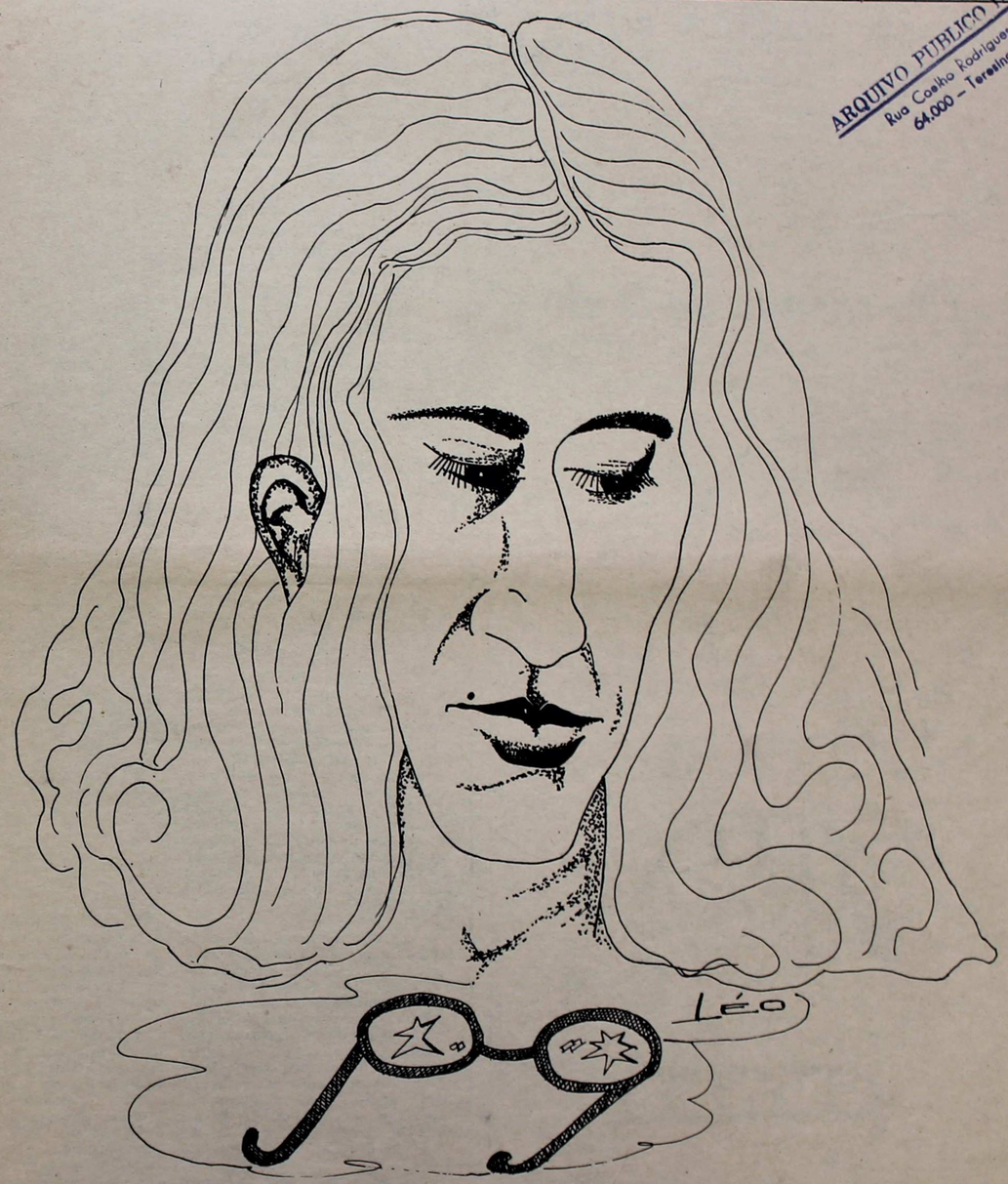
Em nome do amor
se ilude,
e deixa iludir-se,
em nome dele
se mata,
e destrói,
mas em seu nome,
também se constrói.
Em nome do amor
eu amo,
e sou amado.
Em nome dele
sentimos a mesma dor,
em nome do amor,
vivemos momentos de pavor,
lutamos
criamos o terror.
Amor islâmico,
facista,
ideológico,..
de amor,
se chora de felicidade,
cria-se objetivos de viver,
mas, em nome dele
fazemos muitos sofrer.
tudo em nome do amor
se deseja às vezes ser masoquistas
passamos como vítimas,
só para uma conquista,
em nome do amor,
fazemos tudo,
criamos o impossível,
amor, como ele te sufoca
ele é terrível,
em seu nome,
também não se ama,
será?
Tenho certeza que você não acredita no desamor
porque eu te amo.
Em nome do amor
matamos Cristo,
em nome dele,
ele deixou matar-se
Amor!
conjugue esse verbo
ele está em todos os tempos,
tudo em nome do amor,
como te amo,
amor,
às vezes te detesto,
não quero te sentir,
tenho medo de ti,
tuas reações tem poder,
dizer de quem ama não mata,
mas por ti pode-se morrer,
tu és lindo,
quero morrer contigo,
sorrindo,
tudo pelo teu nome,
amor,
tu me deixas ébrio,
drogado,
por isso é que te gosto,
tu me deixas agitado,
mais uma vez
digo que te amo,
por ti,
erguerei a minha espada guerreira,
te defenderei,
semearei o ódio,
tudo pelo teu nome
há de correr muitos rios de sangue,
por ti
o meu também pode correr,
me mataram em teu nome,
e deixe-me morrer,
sobrevivi pelo teu mito,
sete mil vezes, se possível for,
hoje grito,
que te amo, amor.


# O ESTADO cultural

Suplemento de O ESTADO — Teresina(PI), domingo 05 de junho de 1988 — Não pode ser vendido separadamente



ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ
Rua Coelho Rodrigues, 1046
64.000 – Teresina – PI


# Os porquês do Albert Piauí

**O salão de humor é um monstro que nós criamos"**


PIAUÍ

# Crítica

## E a outra vacina ?

Você leitor, certamente, um homem de bom senso, já deve ter descoberto a grande importância de vacinar seu filho ou um irmão pequeno. Eu também, como inúmeros outros cidadãos brasileiros. Mas existem certos episódios no nosso dia-a-dia que até mesmo a vacina, de graça para todo mundo, parece não ter lá essa importância toda.

No último dia de vacinação fui, com minha mulher, levar meu "moleque" de um ano para vacinar na frente do 25°BC e conheci Geraldo (o nome não me saiu da cabeça); foi lá com sua avó para ser vacinado. Um garoto sorridente de 05 anos, aparentando ter entre um e, no máximo, dois anos Uma cabeça enorme e um pobre corpo esquálido, raquítico e disforme.

Após me surpreender com a idade da criança (claro que não demonstrei) continuei meu diálogo com a avó de Geraldo, dona Rita, uma velhinha morena e simpática na casa dos setenta anos.

- É... mais ele só é magro assim por causa da doença, né?

- Que nada, moço. A doença só atacou mesmo a cabeça. Os médicos já disseram que p'ra ele andar só precisa comer melhor.

Pois é, cá com a nossa castração política, só nos resta torcer para que os "Geraldos da vida" cresçam forte ao menos para votarem num presidente que faça "Tudo Pelo Social" (Plim, Plim).

Carlos Seabra

## Um cartum de Dodó

# Depoimento

## Os porquês do Albert Piauí

O cartunista Albert Piauí considerado um dos domadores do traço nacional, quando não está bebericando umas e outras, namorando ou modelando o céu com seu traço inconfundível, ler. Numa dessas manhãs dos muitos sóis, o editor do caderno O ESTADO CULTURAL, Ral, e o crítico de arte Ramsés Ramos, na sala de espera do Sindicato dos Jornalistas do Piauí - conseguiram prender o Albert por algumas horas e tome de conversa. Entre um cafezinho e outro, Albert Piauí nos descobriu os porquês dasua grande arte. Desse encontro, saiu a entrevista, afinal não é todos os dias que encontramos um artista de talento para uma conversa. Para o prazer dos nossos leitores, um grande achado com o Albert Piauí. Confira.

**"É fascinante você passar num bar e ver um cartaz seu afixado"**

• Albert, porque tu é assim?

— Eu sou asism porque tu é assim, o Kenard é daquele jeito. Enfim, por absoluta incapacidade de ser diferente.

• Porque tu é assado?

— Porque a cidade é quente.

• Porque tu desenha?

— Eu desenho pelo mesmo motivo por que vários jovens do Brasil começaram a desenhar. Em 69, em plena repressão, surgiu o Pasquim com uma proposta nova de fazer imprensa, onde tudo era dito e criticado, sob a ótica do humor e da sátira. Ali, desenhavam os cinco grandes nomes do humor nacional: Millôr, Ziraldo, Fortuna, Jaguar e Claudius. Vendo o trabalho dessas pessoas, eu me desviei de minha vocação natural que seria arquitetura e pintura. Era uma maneira de comunicar mais rapidamente o que a gente estava discutindo e sentindo.

• Porque o cartaz?

— Desde o surgimento da litogravura o cartaz vem fascinando os artistas plásticos. Cito, como exemplo, Toulouse-Lautrec. O cartaz é uma forma de comunicação e expressão onde você pode fazer obras de arte e chegar ao grande público. É fascinante você passar num bar ou entrar numa repartição e ver um cartaz seu afixado. Você se sente parte integrante da comunidade. Eu me sinto assim, sabe, bem teresinense quando acontece isso. É uma pena que os cartazes feitos em Teresina, em sua maioria, você pode jogar no lixo.

• Albert, porque o Salão de Humor do Piauí?

— Eu acho o Salão de Humor uma pedra no sapato da gente, é uma coisa que pegou tanto que nós sentimos obrigados a fazer todos os anos. Eu gostaria, por exemplo, de não fazê-lo este ano. O Salão de Humor é um monstro que nós criamos. Ele é hoje o maior salão de humor da América Latina. A cada ano ele me dá mais medo.

• Albert, que humoristas influenciaram na sua obra?

— Todos os grandes humoristas. Ziraldo, Millôr, Fortuna, Jaguar. Estrangeiros: Saul Steinberg, André Françóis, Follon, Ronald Searle. Ilustradores: Rolland Topor, Eugéne Millaresco, Brad Rolland, Half Steadman. Pintores: Picasso, Paul Klee. Esta influência é consciente. Eu desenho ás vezes igual a eles, um ou dois cartuns. Eu até brinco disso... eu sei imitar o desenho de qualquer um deles.

• Como você vê a penetração dos cartunistas na televisão?

— Acho que você não deve compartimentar o artista. Hoje, o grande artista é aquele que faz tudo: cartum, charge, ilustração, capa, cartaz, logotipo, diagramação, retrato, pintura, escritura e falar na TV.

• Albert, houve um tempo em que seus cartuns brigavam com os editoriais na imprensa piauiense. Por isso você não milita mais na imprensa, como cartunista oficial?

— Talvez na época fosse correto brigar com os editoriais. Hoje eu não tenho tanta certeza. Você deve ter noção de cada veículo onde desenha. Tenho impressão que durante muito tempo nós humoristas fomos muito rabugentos, brigões e sacrificamos muito o humor. O Chico Caruso deu uma lição de como trabalhar na imprensa burguesa e fazer um trabalho de alta qualidade.

• Albert, mudou você ou a imprensa?

— Infelizmente, a imprensa não mudou. Eu também não mudei minha opinião. Tudo aquilo que eu dizia brigando, eu posso dizer agora com bastante humor.

• Albert, porque você acredita no humor?

— O humorista é uma pessoa comum. Ele sofre os problemas comuns a todos os cidadãos. Ele compra leite, compra arroz, tem filhos para criar. O humorista geralmente é mau humorado, mas o humor é inerente a todo ser humano. O problema é: como expressar este humor. Então o humorista capta no ar aquilo que está na cabeça das pessoas. É muito comum você ler um cartum e sentir como se ele fosse uma idéia sua. O humor, nesses anos todos de ditadura, contribuiu para conscientizar as pessoas. Como dizia o Edmar Oliveira: como a gente não podia botar o Capital de Karl Marx debaixo do braço, saíamos por aí, desfilando no Pasquim...

# Conto

ARQUIVO PUBLICO DO PIAUI
Rua Coronel Cocoi que, 1 18
Ad. 1 ...

## Um da Sorbonne

O tipo grisalho de olho vermelho se aproximou do balcão esbarrando nos semelhantes, pediu Claudionor com Cinzano e disse que era Procurador e havia estudado na Sorbonne. Serviram-lhe o traçado.

- Vai ver que esse filho da p nem sabe onde fica a Sorbonne - disse o Procurador e pegou no braço de quem estava ao lado.

- Pois não. - Era um preto seco, de cabelo espichado para trás.

- Eu estou dizendo que estudei na Sorbonne.

- Sim Senhor.

- Sabe lá o que é ter estudado na Sorbonne?

O preto não respondeu.

- Eu estudei na Sorbonne - continuou o Procurador, agora sacudindo o preto pelo braço.

- Calma - pediu o preto - Vamos com calma.

- Eu - exaltou-se o Procurador - eu estou dizendo que estudei na Sorbonne.

- Está bem - disse o preto e procurou voltar-se para o outro lado, onde outro preto acompanhava a conversa com um chouriço na mão.

O Procurador puxou o primeiro preto pela manga do paletó e apontou-lhe o dedo em riste:

- Eu estudei na Sorbonne, compreendeu?

- Olha aqui - interveio o segundo preto, jogando o chouriço no chão. - Todo mundo já sabe que o senhor estudou nessa porra.

- Estudei na Sorbonne - corrigiu o Procurador.

- E daí? - O Procurador avançou o braço.

- Tira a mão - ordenou o segundo preto.

- Você compreendeu: eu estudei na Sorbonne.

- E o que é que tem isso?

- Um brasileiro que estudou na Sorbonne - prosseguiu, sem saber o que fazer com as mãos aflitas no ar.

- Ora, meu velho, deixe de frescura.

- Calma - interferiu o primeiro preto.

- A Sorbonne - recomeçou o Procurador.

- Esqueça a Sorbonne - aconselhou o primeiro preto.

- É muito melhor - disse o segundo preto.

- Um homem que passou pela Sorbonne - tornou o Procurador.

- Acho melhor o senhor tomar aí a sua pinga - disse o segundo preto.

- A Sorbonne - insistiu o Procurador.

- Puta que pariu - irritou-se o segundo preto. - Enfia a Sorbonne no olho do e fica quieto aí tomando a sua pinga.

- Eu estudei.

O segundo preto já tinha pego no balcão um copo pelo fundo:

- Se falar nessa bosta da Sorbonne mais uma vez eu enfio este copo na cara.

O procurador calou-se, o olho muito vermelho e os lábios desgovernados. Mastigou alguma coisa, olhou o copo ameaçador, apanhou o seu cálice vazio e balbuciou (para o cálice) que havia estudado na Sorbonne. (Editora Comunicação).

Wander Piroli